

A enchente do RS e as infâncias atípicas: a importância do acolhimento e espaços para a expressão/ação

DOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2025.23.1.9278>

Sandra Canal¹, Karla Fernanda Wunder da Silva², Luciana Martins Vieira³, Andreia Mendes dos Santos⁴

Resumo: Este artigo aborda a importância de espaços de acolhimento que possibilitem a expressão/ação das crianças afetadas pelas enchentes em uma perspectiva humanizada e comunitária. Tem como objetivo analisar a implementação de estratégias de acolhimento inclusivas e acessíveis para apoiar as crianças atípicas, vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul, no atendimento em uma brinquedoteca vinculada a um abrigo. Metodologicamente, optou-se pela pesquisa-ação, considerando os sujeitos envolvidos e o contexto em que estão inseridos. Como resultado, observou-se que a Brinquedoteca proporcionou um espaço onde as crianças puderam extravasar suas energias e angústias. Ao envolverem-se em atividades que permitiram a experimentação, as crianças vivenciaram plenamente a infância que cada uma carrega dentro de si, independentemente dos diversos contextos culturais e sociais que estão inseridas. Concluiu-se que a brinquedoteca, além de acolher as crianças, proporcionou uma ação humanizadora para todos os voluntários envolvidos. Esse engajamento fez com que se tornassem mais humanos e sensíveis à dor do próximo.

Palavras-chaves: Enchente, Infâncias, Inclusão, Brinquedoteca.

The RS flood and atypical childhoods: the importance of reception and spaces for expression/action

Abstract: This article discusses the importance of childcare spaces that allow children affected by the floods to express themselves and take action from a humanized and community perspective. It aims to analyze the implementation of inclusive and accessible childcare strategies to support atypical children who were victims of the floods in Rio Grande do Sul, in a playroom attached to a shelter. Methodologically, we opted for action research, considering the subjects involved and the context in which they are inserted. As a result, it was observed that the toy library provided a space where the children could vent their energies and anxieties. By engaging in activities that allowed for experimentation, the children fully experienced the childhood that each of them carries within them, regardless of the different cultural and social contexts in which they

¹ Doutoranda em Educação- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Porto Alegre – RS, pesquisadora do grupo de estudos e pesquisa sobre Questões Sociais na Escola (QSE). Docente – Centro Universitário FAVENI- UNIFAVEN, <https://orcid.org/0000-0003-4537-3399> - sandra.canal@edu.pucrs.br

² Pós-doutoranda em Educação - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Porto Alegre - RS, pesquisadora do PROMOT - Processos Motivacionais em Contextos Educativos. <https://orcid.org/0000-0002-8350-0726>- karla.wunder.edu@pucrs.br

³ Mestre em Educação- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Porto Alegre – RS. Professora da Rede Municipal de Porto Alegre. <https://orcid.org/0000-0003-3104-3583>- lumartinsv@gmail.com

⁴ Docente e pesquisadora PPGEDU/PPGCS- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Porto Alegre – RS. Bolsista de Produtividade CNPq. Coordenadora do grupo de estudos e pesquisa sobre Questões Sociais na Escola (QSE). <https://orcid.org/0000-0001-7013-0239>- andreia.mendes@pucrs.br

are inserted. The conclusion is that the playroom, as well as welcoming the children, provided a humanizing experience for all the volunteers involved. This engagement has made them more humane and sensitive to the pain of others.

Keywords: Flood, Childhoods, Inclusion, Toy library.

Introdução

As enchentes devastadoras que assolaram o Rio Grande do Sul (RS) em 2024, entre os meses de abril e maio, deixaram um rastro de destruição sem precedentes, afetando milhões de pessoas e transformando a paisagem do Estado em um cenário de desolação. Aproximadamente 90% dos municípios do Rio Grande do Sul foram afetados pelas inundações; evento parecido havia acontecido apenas no ano de 1941, ou seja, há 83 anos.

Em 1941, as chuvas torrenciais que se estenderam por semanas causaram o transbordamento de rios e a inundação de vastas áreas, especialmente na capital e em regiões adjacentes. A infraestrutura da época era rudimentar e pouco preparada para lidar com eventos climáticos extremos, colapsando sob a pressão das águas. Na tentativa de prevenir novos desastres, em Porto Alegre foi construído o muro da Mauá entre 1971 e 1974, como parte de um sistema de proteção contra cheias constituído de 68 km de diques, externos e internos, 14 comportas de metal e 19 casas de bombas (Prefeitura de Porto Alegre, online).

As enchentes de 2024, embora 83 anos depois, mostraram que os desafios associados a desastres naturais permanecem substanciais. Novamente, chuvas intensas e contínuas levaram ao transbordamento de rios e à inundação de áreas urbanas e rurais. Apesar do muro resistir a força das águas, na função de proteger a cidade, a ação da natureza foi avassaladora, encontrando brechas e invadindo a cidade.

O Guaíba e seu pôr do sol, cartão postal da cidade, tornou-se então, amedrontador, invadindo ruas, rompendo comportas de contenção, apossando-se das casas e das vidas de vários gaúchos, que da noite para o dia perderam tudo o que tinham. Desabrigadas, diversas famílias foram separadas, acolhidas em espaços públicos e privados, contando com o suporte dos habitantes do Rio Grande do Sul, de outras regiões do país e até mesmo de fora do país. Nesse período, a solidariedade foi o que predominou.

Ainda assim, o impacto humano e material é imensurável. Milhares de pessoas ficaram desabrigadas, incluindo grupos vulneráveis como crianças, idosos e pessoas com deficiência, que enfrentaram desafios específicos em termos de mobilidade,

acessibilidade e cuidados, revelando a necessidade urgente de uma abordagem de acolhimento inclusiva e acessível, na gestão de desastres.

Diferentes espaços da cidade se transformaram em abrigos, especialmente do campo educacional, acolhendo famílias inteiras que traziam, muitas vezes como bens, apenas a roupa que vestiam e abalados emocionalmente. Diante dessa realidade, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) colocou à disposição da cidade seu Parque Esportivo e agregou a presença no local de professores e colaboradores da universidade, assim como serviços das mais diversas áreas em um grande movimento solidário de relação com a comunidade. A Escola de Humanidades, o Programa de Pós-graduação em Educação e o Laboratório das Infâncias implementaram desde os primeiros dias, um serviço de acolhimento às crianças abrigadas, ocupando uma das salas do Parque Esportivo, denominado de “Brinquedoteca”, recebendo crianças de todas as idades, típicas e atípicas.

Nesse contexto, o objetivo geral deste estudo foi analisar a implementação de estratégias de acolhimento inclusivas e acessíveis para apoiar as crianças atípicas, vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul. Sendo assim, procuramos analisar como o espaço da brinquedoteca foi planejado para acolher as crianças; verificar como foi a atuação dos voluntários no atendimento às crianças, na brinquedoteca e examinar a articulação das famílias das crianças com o espaço da brinquedoteca.

Metodologia

Para alcançar os objetivos estabelecidos, foi adotada uma abordagem de pesquisa qualitativa, visto que tem como objetivo compreender as “intenções e significações – crenças, opiniões, percepções, representações, perspectivas, concepções, etc. – que os seres humanos colocam nas suas próprias ações, em relação com os outros e com os contextos em que, e com que interagem” (Amado, 2014, p. 40). De acordo com Lakatos e Marconi (2008, p. 269), a pesquisa qualitativa “[...] fornece análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamentos”. A pesquisa segue uma abordagem exploratória, com o objetivo de compreender os significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos.

Nas contribuições de Minayo (2002, p. 21-22), é enfatizado que este estudo:

[...] responde a questões particulares; [preocupa-se com] um nível de realidade que não pode ser quantificado; trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço

mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Metodologicamente, optou-se pela pesquisa-ação, levando em conta os sujeitos envolvidos e o contexto no qual estão inseridos. Essa abordagem valoriza a participação e a autonomia, visando oferecer alternativas que possam contribuir para o ambiente pesquisado (Thiollent, 2009).

O autor também reforça ao indicar que:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 2009, p. 16).

Thiollent (2009) destaca que, na pesquisa-ação, é fundamental a participação e ação dos pesquisadores no problema a ser investigado. Somente assim, ela pode ser classificada como uma abordagem legítima de pesquisa-ação, pois é conduzida por meio da interação entre pesquisadores e os sujeitos envolvidos na pesquisa.

A pesquisa foi desenvolvida no espaço da brinquedoteca, a qual acolheu aproximadamente 50 crianças com idades de 6 meses a 14 anos. Entre elas, havia crianças com outras maneiras de ser e estar no mundo como Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno Opositivo Desafiador (TOD), Deficiência Física e Deficiência Intelectual.

Tragédia climática e humana: a emergência do acolhimento e a importância de espaços para a expressão/ação das crianças atípicas

Em situações de tragédias ambientais ou sociais é preciso ter em mente que o acolhimento vai muito além de oferecer um abrigo, camas, cobertores e alimentos. Conforme o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), crianças e adolescentes são particularmente suscetíveis aos efeitos das tragédias ambientais, pois estão em uma fase de desenvolvimento marcada pela sensibilidade e com um repertório em construção. Isso torna mais difícil para eles lidarem com tais questões, o que pode afetar sua saúde mental.

De acordo com Maíra Souza, representante oficial de desenvolvimento infantil do UNICEF no Brasil, questões como as vividas no Rio Grande do Sul, podem desencadear comportamentos adversos, resultando também no chamado 'estresse tóxico'. Ribeiro

(2024, documento online) enfatiza que, segundo Maíra Souza, “é importante que os adultos possam oferecer o suporte necessário para que as crianças continuem tendo um desenvolvimento saudável e pleno. Isso pode ser feito por meio do cuidado responsivo, da escuta atenta e do acolhimento na conversa e nas brincadeiras”, ressaltando a importância desses espaços no acolhimento das crianças e adolescentes. Colaborando com essa afirmação, Antunes (2024, documento online) pontua a preocupação da professora Andreia Mendes dos Santos (PUCRS), ao explicar que uma criança em um abrigo, longe de seu lar e de sua rotina diária, enfrenta um momento desconfortável devido à ruptura repentina do cotidiano. Ela enfatiza que, por essa razão, é importante lembrar que “o momento é de escuta ativa e empatia. É preciso entender que os desabrigados passam por situações de trauma e, as crianças, têm mais dificuldades de compreensão da complexidade da situação”.

Para as pessoas com deficiência, as enchentes trouxeram dificuldades específicas que muitas vezes não são consideradas nas estratégias de emergência. Desde a evacuação rápida das moradias se tornou um grande desafio para aqueles com mobilidade reduzida, deficiência visual ou auditiva, bem como para as crianças com TEA. Nos abrigos improvisados às pressas, muitos não estavam equipados para atender às necessidades específicas desses indivíduos, resultando em dificuldades adicionais para obter assistência médica, alimentação adequada e condições de higiene.

No caso das crianças atípicas, o acolhimento precisa abranger uma gama de peculiaridades, especialmente para aquelas crianças com TEA, pois apresentam características específicas e diferentes maneiras de se expressar (Silva, 2022). Diante das características que acometem as crianças com TEA, seria extremamente necessário a construção de um abrigo propício para essas crianças, pois de acordo com Canal (2021, p. 51), “[...] o autismo é uma síndrome complexa que afeta três importantes áreas do desenvolvimento humano, que são a comunicação, a socialização e o comportamento”, no qual necessita de intervenções e estratégias para conviver em grupos, especialmente no caso de abrigos, onde essas questões podem não ser compreendidas e respeitadas.

Outro aspecto fundamental observado na criança com TEA é que a mesma pode “[...] apresentar desconforto em relação ao excesso de ruídos, fazendo com que a experiência de estar com muitas pessoas possa ser extremamente desagradável devido ao barulho [...]” (Canal, 2021 p. 103), além da iluminação, ventiladores e barulhos externos, que podem desencadear desconforto. Esses comportamentos têm a ver com a disfunção da integração sensorial, podendo surgir hiper ou hipo reatividade aos estímulos, o que

pode tornar a convivência nos espaços coletivos como um abrigo, desafiante e em muitos casos, favorece a desorganização.

As crianças com TEA apresentam dificuldade em lidar com mudanças inesperadas na rotina. Por isso, é fundamental comunicar-se antecipadamente, para evitar que ela se desorganize e apresente comportamentos mais reativos. No entanto, como agir diante de uma catástrofe que exige a saída urgente de suas casas?

De modo igual, para uma pessoa que tem um diagnóstico de TOD, a rotina e as regras são importantes, bem como a organização dos espaços, delimitando o que pode ou não ser mexido. Como pensar nessas características, se em um abrigo tudo é coletivo, começando pelo espaço físico?

Da mesma maneira, para uma criança com deficiência física o espaço físico pode facilitar ou comprometer a independência, mexendo com a autoestima da criança. Como se locomover se não há elevadores? Como chegar nos espaços se não tem rampas? E sabemos que nem todos os espaços são constituídos a partir de um Desenho Universal para Acessibilidade que tem a “percepção frente aos projetos e ambientes que desenhamos e frequentamos, considerando a possibilidade de serem utilizados por diferentes perfis de usuários” (Martino, 2022, online).

É exatamente nesse ponto que um abrigo exclusivo para esse público se torna tão necessário e eficaz, pois oferece condições para minimizar os impactos causados por enchentes durante uma saída de emergência de suas casas. Essa atenção é dificultada quando estão em espaços com outros desabrigados, que, no esforço de assimilar o que está ocorrendo, não conseguem compreender as características dos outros, especialmente quando se trata de uma criança.

Sabemos que em Porto Alegre pelo menos 3 abrigos atendiam especificamente às crianças atípicas, recebendo todo o apoio necessário e com um acolhimento humanizado e responsável. Contudo, diante do número de desabrigados no Município, nem todas as famílias atípicas conseguiram acessar os abrigos mais especializados. Sendo assim, a Brinquedoteca se propôs a acolher todos/as crianças que estivessem no Parque Esportivo, com ou sem deficiência, transtornos, pelo simples fato que defendemos a inclusão como necessária à experiência humana, na construção de uma sociedade mais justa e humanizada.

De acordo com Amaral (2003, p. 12) “[...] incluir é fazer parte, é compreender, é ser compreendido”, englobando não apenas os sujeitos com deficiências, mas todas as crianças que necessitam, especialmente neste momento, de uma atenção mais

individualizada. Nas contribuições de Mazzillo (2009, p. 17), “[...] a inclusão é um processo inacabado que ainda precisa ser frequentemente revisado, em todo o seu decorrer, com seriedade e discernimento” ressaltando que a inclusão deve estar presente nas mais variadas esferas, sejam sociais ou educacionais, na luta para assegurar a todos o direito de participação, sem discriminação.

Diante do contexto, um coletivo formado por professores, pós-doutorandos, doutorandos, mestrandos, graduandos e outros voluntários se reuniram de forma emergencial para garantir que, ao acolher essas crianças, a infância delas fosse preservada, mesmo diante do caos vivenciado por todos. Sem muito tempo para planejar, foram montados espaços de acordo com às diferentes faixas etárias, como uma cozinha, outro para bonecas, cantos com pelúcias, um tapete para quebra-cabeças, um espaço para leitura, brinquedos, jogos, atividades de pintura, desenhos, massinhas, que eram repensados cotidianamente, para tornar o período o mais ameno possível.

De acordo com Staccioli (2013, p. 28), “Acolher uma criança é também acolher o mundo interno dela, as suas expectativas, os seus planos, as suas hipóteses e as suas ilusões”. Colaborando, Cerqueira (2011, p. 65), acentua que é “pela escuta sensível”, que o voluntário “pode acolher a ansiedade e as dúvidas das crianças [...]”, salientando que, por meio da escuta ativa, é possível criar um espaço onde a criança se sinta à vontade para conversar.

Com o espaço preparado, foi criado um grupo no WhatsApp para que professores, alunos de graduação, da pós-graduação e egressos da universidade se voluntariassem, de acordo com seus horários e dias disponíveis. Dentro do espaço, os voluntários se direcionam para áreas com as quais tinham mais afinidade, levando em consideração também a faixa etária das crianças.

E as crianças? Como elas reagiram ao encontrar aquele espaço montado tão rapidamente? A chegada das crianças foi marcada por espanto, desconfiança e medo, mas a vontade de participar daquele espaço era visível. Aos poucos, começaram a sorrir e explorar todos os cantos. Um registro necessário é de que todas as crianças foram cadastradas e tiveram seus nomes identificados em suas roupas, o que permitiu que os voluntários se dirigissem a elas pelo nome, facilitando a aproximação. É importante destacar ainda que, nos primeiros dias, as famílias, geralmente as mães, acompanhavam seus filhos e filhas até a sala chamada de “Brinquedoteca”. No entanto, com o tempo, as crianças ficaram tão acostumadas que começaram a esperar na porta por conta própria.

A experiência com as crianças atípicas dentro do abrigo do Parque Esportivo da PUCRS, através da Brinquedoteca, propunha como ação inicial a construção de vínculos. A oportunidade de as crianças estarem abrigadas com suas famílias, vizinhos conhecidos facilitou este movimento, pois a perda das referências não aconteceu com as crianças que ali se encontravam. Para Diniz e Koller (2010), apoiadas pela teoria bioecológica de Bronfenbrenner (2005) o afeto é um dos fatores que asseguram a continuidade do processo desenvolvimental ao longo das várias fases que compõem o ciclo de vida e poderá ser considerado como o principal componente de superação da mudança ao longo do desenvolvimento, pois o ser humano caracteriza-se pela capacidade de se adaptar a um ambiente ao longo do tempo.

Em contextos de tragédias, como as vivenciadas no RS com as enchentes, onde as crianças precisaram sair de casa às pressas, abandonar brinquedos, objetos de segurança, frequentemente podem gerar medos, ansiedades que afetam a saúde mental e emocional. A presença de cuidadores voluntários com formação na área da Educação, vinculados ao projeto da Brinquedoteca tinha também o objetivo de mitigar esses efeitos adversos.

Segundo a teoria do apego de John Bowlby, a formação de vínculos afetivos seguros é crucial para o desenvolvimento emocional saudável. Bowlby (1989) entende que o vínculo afetivo se constitui apoiada nas capacidades emocionais e cognitivas da criança, quando mediados por uma qualidade e consistência de cuidados, permeados por sensibilidade, acolhimento, escuta e responsividade dos cuidadores, no nosso caso, dos voluntários que se colocaram à disposição para estar com as crianças.

Crianças que desenvolvem um apego seguro com seus cuidadores, com as pessoas próximas, são mais propensas a sentir-se seguras e protegidas, mesmo em meio ao caos e à incerteza. Esses vínculos podem proporcionar um senso de estabilidade e previsibilidade, elementos essenciais para o desenvolvimento emocional (Dalbem; Dell’Aglia, 2005).

Ao fornecer um ambiente de apoio e compreensão, os voluntários ajudaram as crianças a se adaptarem e a encontrarem formas de lidar com o estresse e a ansiedade resultantes da tragédia. Nesse processo de engajamento, os voluntários foram estabelecendo laços com as crianças, tornando o ambiente mais alegre e divertido, mesmo diante da situação caótica enfrentada pelo Estado. Além dos vínculos formados com as crianças, essa experiência proporcionou um maior contato entre os voluntários de diferentes áreas, permitindo a troca de ideias, compartilhamento de experiências e, conseqüentemente, trazendo conforto e esperança para todos. Chalita (2004, p. 33)

corroborar destacando que “[...] afetividade é ter afeto no preparo, afeto na vida e na criação. Afeto na compreensão dos problemas que afligem os pequenos [...]”.

Na organização feita pelos coordenadores do Parque Esportivo para as famílias se priorizou que o mesmo núcleo familiar ficasse próximo, proporcionando além de acolhimento a segurança necessária para as crianças que tiveram suas rotinas atravessadas abruptamente por toda a tragédia provocada pelas chuvas.

Para crianças atípicas, a rotina possui um papel fundamental para seu desenvolvimento e bem-estar, pois promove a previsibilidade, organização e o sentido de controle no dia a dia e ainda mais em um momento caótico e avassalador. Nesse sentido, o trabalho da Brinquedoteca ocorria nos turnos da manhã e tarde, favorecendo a construção de uma rotina que fosse acolhedora. Foi planejado que os espaços da sala fossem organizados de maneira que fossem facilmente identificados e os adultos, mediadores das ações, oferecem estrutura emocional e previsibilidade de uma rotina. Para as crianças com um desenvolvimento atípico, saberem o que acontecia ao longo do dia colaborou para reduzir o estresse e a ansiedade.,

Outro fator importante para as crianças atípicas abrigadas é o respeito à subjetividade, esta tida como processos e formas de organização subjetiva geradas nas histórias diferenciadas e singulares. Para González Rey (2003), a subjetividade é entendida como um sistema complexo e plurideterminado afetado pelo curso da sociedade e das pessoas que a constituem dentro do contínuo movimento das redes e de relações que caracterizam o desenvolvimento social.

Reconhecer e valorizar a individualidade e a perspectiva única de cada criança, mesmo no contexto de abrigamento, é essencial para garantir seu bem-estar físico, emocional e social promovendo um ambiente onde a criança se sinta aceita e compreendida. Nesse sentido, o papel dos adultos que estão em contato com as crianças abrigadas é de escuta e olhar atento, permitindo que a criança possa explorar o ambiente, demonstrar sentimentos e pensamentos. Mesmo aquelas que não podem demonstrar com palavras, podem através de seu comportamento nos dizer muito. Daí a importância de ter profissionais capacitados para estar com as crianças nesses momentos, pois através da brincadeira é possível criar vínculo e assim conhecer as demandas de cada uma.

O brincar é uma ação livre, que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pela criança; dá prazer, não exige como condição um produto final; relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades e introduz a criança no mundo imaginário (Kishimoto, 2010, p.1).

A Brinquedoteca buscou atender as especificidades das crianças com deficiência que frequentaram o local. Um exemplo dessa organização foi preparar uma caixa com brinquedos sensoriais para uma criança autista, levando em consideração tanto o interesse demonstrado por ela quanto os relatos da família. Para outra criança com deficiência física, foi criado um espaço sem obstáculos para favorecer a sua locomoção.

É inevitável que, diante do ocorrido, algumas crianças não se sintam confortáveis nesse espaço e demonstrem isso por meio de comportamentos que aos olhos da maioria podem ser vistos como ‘inadequados’, pois segundo Silva e Rozek (2020, p. 32) “nem sempre sabemos como cada indivíduo vai reagir ou que proposta trará resultados positivos de desenvolvimento em curto prazo. As incertezas que temos no cotidiano [...] não conduzem necessariamente a um caos”, mas as incertezas sobre as diferentes maneiras de agir do outro nos fazem repensar as ações, modificar a maneira de aproximação, de organização e de exigência com as crianças com diferentes maneiras de SER e ESTAR no mundo.

Sendo assim, coube aos voluntários, com apoio e orientação dos coordenadores lidar com essas questões, escutar as crianças, fazê-las sentir acolhidas e mostrar que não estavam sozinhas e entendendo que as crianças não comunicam suas ideias somente por meio da fala, usam diversas linguagens e, muitas vezes, ‘falam com o corpo’ (Velanga, 2008, p. 164).

À medida que os dias transcorreram, fomos convidando as crianças que apresentavam diferenças de ser, para estar mais no coletivo. As atividades de pintura com tinta, que se organizavam ao redor de um único espaço, favoreceram essa partilha, já que precisaram dividir espaço e materiais.

Outra atividade que utilizamos para aproximação e para auxiliar as expressões da linguagem corporal foram as bolhas de sabão. No exercício de estourar as bolhas que ficavam suspensas no ar, as crianças pulavam, esticavam os braços, aceitavam o contato físico. Quando era a vez de elas, fazerem as bolhas, trabalhavam com a musculatura dos lábios, a coordenação óculo-manual, a dosagem da quantidade de ar que empregavam para formar as bolhas. Brincar de fazer bolhas de sabão, além de proporcionar sensação de bem-estar e prazer, estimula a coordenação visual e visual. Essa atividade auxilia ainda no desenvolvimento da percepção, da atenção e dos movimentos corporais. A capacidade que as crianças têm, independente de suas condições orgânicas, de se encantarem com bolhas de sabão é o reconhecimento de que através de uma atividade simples e recreativa

podem criar caminhos ricos para o encontro com o outro, com seu próprio corpo e com o mundo que as rodeia (Silva; Barbosa; Capecchi, 2020).

O manuseio de massa de modelar, onde exploramos cores, texturas, formas, tamanhos, trabalhando a motricidade fina e o movimento de pinça, através do movimento mais primário que é o uso das mãos e o sentido do tato também foi uma atividade oferecida às crianças. A atividade permite que a criança expresse emoções e sentimentos de maneira lúdica e também exige “concentração para que a criança consiga ter sucesso no que está tentando formar, o que, muitas vezes, exige mais tempo e faz com que a atividade seja mais longa. Para isso, é preciso paciência – mais um item da lista de benefícios” (Lopes, 2021, online).

Os desenhos livres também foram momentos ricos com algumas crianças, favorecendo o desenvolvimento das habilidades motoras, pois à medida que iam criando os traços, ampliaram o controle sobre seus movimentos propiciando também a noção espacial ao explorar os diferentes tamanhos de folhas. Luquet (1927, p. 60) nos diz que a partir do momento em que a “criança inicia o desenho, faz o primeiro traço no papel, já está a iniciar o jogo, transpondo os seus sentimentos, desejos e emoções, positivas ou negativas, ‘tirando-as’ do interior para o exterior”. Com essa ação, aos poucos, as crianças desenvolveram linhas e traços mais definidos, mesmo alguns deles estando ainda na fase da garatuja e apresentando dificuldades motoras em virtude de suas condições orgânicas.

Cada criança é única, e o sucesso das atividades propostas depende de adaptações personalizadas que respeitem suas capacidades e necessidades específicas. Participar das atividades coletivas e recreativas ajuda as crianças com deficiência a desenvolver habilidades sociais, construir parcerias, mas principalmente a se sentirem pertencentes ao espaço e ao grupo.

Considerações finais

As enchentes no Rio Grande do Sul, em 2024, ficarão na memória como um lembrete doloroso da responsabilidade humana sobre a natureza, da mesma forma, sobre a vulnerabilidade humana. Por outro lado, cristalizou práticas de solidariedade que superaram obstáculos físicos e distâncias para prestar ajuda. A resposta comunitária e a solidariedade mostraram que, mesmo nas circunstâncias mais difíceis, é possível encontrar maneiras de apoiar e cuidar de todos os membros da sociedade.

Para as pessoas com deficiência, os desafios foram amplificados. Se nas cenas cotidianas observa-se a necessidade de políticas inclusivas e acessíveis; em situações de crise, como na enchente, torna-se imperativo a elaboração de ações especiais em todas as fases de gestão de desastres. No campo das políticas públicas as necessidades humanas são prioridade e a garantia de equidade seu maior desafio e compromisso.

O trabalho realizado na Brinquedoteca pôde nos ensinar muito sobre a manutenção de vínculos; o apoio emocional e a segurança proporcionados pelos voluntários cuidadores teve um impacto positivo no bem-estar e desenvolvimento das crianças.

Atividades cotidianas que foram adaptadas não só promoveram alguns aspectos de independência e o desenvolvimento das crianças com deficiência abrigadas e frequentadoras da Brinquedoteca, mas também fortaleceram a autoestima e a inclusão social. Ao oferecer um ambiente inclusivo e suporte adequado, podemos ajudar as crianças com deficiência ou transtornos a alcançar seu pleno potencial e desfrutar de uma estadia, no abrigo, minimamente enriquecedora e significativa.

Aprender com essa tragédia é essencial para construir um futuro mais resiliente e inclusivo, onde todos, independentemente de suas habilidades, possam viver com dignidade e segurança.

Referências

AMADO, A. J. **Manual de investigação qualitativa em educação**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0879-2>. Disponível em: https://digitalis.uc.pt/en/livro/manual_de_investiga%C3%A7%C3%A3o_qualitativa_e_m_educa%C3%A7%C3%A3o. Acesso em 25 mai. 2024.

AMARAL, Daniela Patti do. Paradigmas da inclusão: uma introdução. In: SOBRINHO, F. P. N. (Org.). **Inclusão educacional: pesquisa e interfaces**. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2003. p. 12.

ANTUNES, Marcello. **Cartilha traz dicas para garantir segurança de crianças em abrigos** - Orientações podem evitar casos de violência. Repórter da Agência Brasil - São Paulo. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/cartilha-traz-dicas-para-garantir-seguranca-de-criancas-em-abrigos>. Acesso em: 25 mai. 2024.

BOWLBY, J. **Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BRONFENBRENNER, U. **On the natural of biological theory and research**. In: BRONFENBRENNER, U. (Org.). *Making human beings human*. California: SAGE, p. 3-15, 2005.

CANAL, Sandra. **A inclusão do estudante com transtorno do espectro autista (TEA) na Educação Superior**. 139f. Dissertação de Mestrado- Programa de Pós – Graduação em Educação, PUCRS, 2021.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. **(Con)Texto em escuta sensível** / Elane Mayara, Leonília de Souza Nunes, Maria de Fátima Guerra de Sousa, Maruza Bastos de Oliveira; organização de Tereza Cristina Siqueira Cerqueira. Brasília: Thesaurus, 2011.

CHALITA, Gabriel. Educação: **A solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2004, Ferreira ABH. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 3ª ed. São Paulo, Positivo, 2004.

DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005.

DINIZ, Eva.; KOLLER, Silvia. H. **O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico**. Educar, Curitiba, Editora UFPR n. 36, p. 65-76, 2010.

GONZÁLEZ-REY, Fernando. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Thomson, 2003.

LOPES, Fabiana. **Brincar de massinha ajuda no desenvolvimento**: saiba o preço e onde comprar. Pais & Filhos, Publicado em 17/09/2021. Disponível em: <https://www.paisefilhos.com.br/crianca/brincar-de-massinha-ajuda-no-desenvolvimento-saiba-o-preco-e-onde-comprar>. Acesso em: 29 de maio de 2024.

LUQUET, G. H. **Le dessin enfantin**. Berna: Delachaux et Niestlé, 1927.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. In: Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – perspectivas atuais. Belo Horizonte, nov. 2010. Disponível em: . Acesso em: 28 de maio de 2024.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MAZZILLO, Ida Beatriz Costa Velho. **Inclusão escolar**: dissonâncias entre teoria e prática. In: ROSA, Suely Pereira da Silva. Educação inclusiva. Curitiba: IESDE, Brasil S. A., 2009. p. 17-26.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

Muro da Mauá. **Prefeitura Municipal de Porto Alegre**. Disponível em: https://www2.portoalegre.rs.gov.br/dep/default.php?reg=1&p_secao=74. Acesso em 24 de maio de 2024.

MARTINO, Giovana. **O que é Desenho Universal?** ArchDaily, 2022. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/992875/o-que-e-desenho-universal>. Acesso em 26 mai. 2024.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 2009.

RIBEIRO, Victória. Como acolher e conversar com crianças afetadas por enchentes no RS? 2024. Disponível em: https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude-mental/como-acolher-e-conversar-com-criancas-afetadas-por-enchentes-no-rs,712ee25489bc4991a326a5e9bbb4532c12bik6qu.html?utm_source=clipboard. Acessado em: 25 mai. 2024.

SILVA, Karla Fernanda Wunder da. Tessituras de diferentes perspectivas: estourando a bolha. In: Silva, Karla Fernanda Wunder da; BINS, Katiuscha Lara Genro; CRUZ, Patrícia Machado. **Transtorno do Espectro Autista**. Enlaces pelo olhar e pelo afeto: ser e viver. Maringá : Viseu, 2022. P. 17 - 38.

SILVA, Karla Fernanda Wunder da; ROZEK, Marlene. **Transtorno do espectro autista (TEA) : mitos e verdades**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020.

STACCIOLI, Gianfranco. **Diário do acolhimento na escola da infância**. São Paulo: Campinas, 2013.

SILVA, Vera Maria de Lima; BARBOSA, Orlando Coelho; CAPECCHI, Maria Candida Varone de Moraes. Brincadeira de criança e ciências por investigação na educação infantil. **Trama Interdisciplinar**. São Paulo, v. 11, n. 1, p. 133-155, jan./jun. 2020 <http://dx.doi.org/10.5935/2177-5672/trama.v11n1p133-155>

VELANGA, C. T. **Currículo como base para a compreensão do processo educacional**: reflexões para a formação do educador. Formação docente e estratégias de integração. Universidade/ Escola nos cursos de Licenciatura. Porto Velho: Edufro, 2008.

Submissão: 03/06/2024. **Aprovação:** 27/03/2025. **Publicação:** 25/04/2024.